

O Futuro do Movimento Ecumênico com vistas ao Ano 2000

Tarefas e Oportunidades

Günther Gassmann

1. O Futuro Se Funda sobre o Passado e o Presente

Em pouco tempo vamos comemorar a chegada do ano 2000. Já faz algum tempo que se está refletindo sobre o significado que poderiam ter para a cristandade o fim deste milênio que se aproxima e o início de um novo século e milênio. O que poderia ser feito com vistas à unidade dos cristãos em conexão com o ano 2000? E com vistas à relação com outras religiões? E com vistas ao futuro da humanidade, de nossos filhos e netos?

Tais momentos especiais na história da humanidade, como a passagem de um milênio a outro, sempre deram asas à fantasia e esperança humanas. Já no fim do primeiro milênio houve grande quantidade de especulações com motivação religiosa. Com frequência elas consistiam na expectativa da volta de nosso Senhor. Vamos presenciar isso também desta vez. É como se tais momentos especiais na história estivessem repletos de uma força mágica a partir da qual surgissem acontecimentos de significado sobrenatural. Nós, entretanto, queremos, em bom estilo luterano, permanecer sóbrios e realistas. Ainda assim, precisamos admitir que o fim deste nosso milênio e o início de um novo milênio assinalam um momento singular na história deste mundo. Afinal, algo assim só acontece uma vez a cada mil anos!

Numa perspectiva cristã certamente poderemos dizer que, numa contagem do tempo em que enumeramos os anos e também os milênios “desde o nascimento de Cristo”, os séculos e milênios não significam apenas números e estatísticas. Sempre temos a ver também com a história de *Deus conosco* e com nossa história com Deus e o mundo por ele amado. Em tal perspectiva, a passagem de um milênio para outro certamente será um momento importante para nos determos e perguntarmos de maneira nova pela orientação e vontade de Deus para nós e nossa história. Importa olhar para trás, proceder a um balanço e nos expor ao juízo de Deus. O ano 2000 com certeza também vai nos desafiar, mais do que todas as outras mudanças de ano, a refletir sobre o caminho futuro da humanidade, da

Igreja e também do movimento ecumênico. Isso certamente acontecerá com temor e tremor, mas também com esperança, porque também o novo milênio será o milênio de Deus, e depende de nós que as outras pessoas consigam perceber algo disso.

O ano 2000 será, portanto, um momento de recordação e de avaliação da caminhada da cristandade durante os últimos mil anos. Isto nos levará a uma litania de confissão de culpa e fracasso. Tal litania, porém, pode terminar passando da lamentação e penitência para o louvor e agradecimento; pois nos últimos cem anos deste milênio aconteceu algo que enseja tal louvor e agradecimento alegres: o movimento ecumênico entre as igrejas e os cristãos, “o grande fato novo de nossa era”, como o disse há 50 anos William Temple, arcebispo anglicano de Canterbury. Nestes últimos cem anos e, mais ainda, nos últimos 30 anos aconteceu uma inversão da história de divisão, cisão, inimizade e confronto cristãos entre as igrejas da Reforma, igrejas livres, igrejas ortodoxas e a Igreja Católica Romana. Isto foi e é uma obra do Espírito Santo — como o disse o Concílio Vaticano II em seu decreto sobre o ecumenismo — e do empenho de incontáveis cristãos, movidos pelo escândalo de nossas cisões e também pela alegria de descobrirem outros cristãos em outras confissões.

Assim, nestas últimas décadas deste milênio presenciamos um movimento, que chamamos de ecumênico, que se afastou das cisões e se encaminhou para uma maior comunhão entre muitas igrejas e cristãos. E isto ocorreu num espaço de tempo relativamente curto: cem anos, ou melhor, algumas décadas dentro de um milênio! Essa inversão radical do caminho da história eclesiástica do século 20, esse “fato novo” também oferecerá o fundamento e pressuposto para que no ano 2000 reflitamos com particular intensidade sobre o futuro da humanidade, da Igreja e do movimento ecumênico.

2. O que o Movimento Ecumênico Alcançou

Se, portanto, as reflexões sobre o futuro do movimento ecumênico têm seu fundamento e pressuposto naquilo que até agora se alcançou nesse movimento e no ponto em que nos encontramos nele atualmente, só posso evidenciar isso com algumas poucas indicações. Vou mencionar os desdobramentos e acontecimentos que se tornaram importantes para mim nos 40 anos em que participei ativamente do movimento ecumênico. Vocês certamente poderão acrescentar suas próprias experiências — ou talvez também suas decepções. O que, então, mudou o rosto da cristandade nas últimas décadas?

a) De modo bem geral: igrejas que no passado haviam brigado, ou se ignorado, ou se encarado como heréticas aproximaram-se umas das outras. Elas se descobriram mutuamente de maneira nova como comunhões que pregam o evan-

gelho e procuram fazer a vontade de Deus, invocam o mesmo Deus triúno e oram a ele no culto, introduzem pessoas na comunhão com Deus e a Igreja pelo Batismo e, na Santa Ceia, recebem por meio do Senhor presente perdão dos pecados e comunhão com ele e entre si. Elas se descobriram como comunhões que também deveriam fazer tudo isso juntas. Por isso aceitaram a tarefa de superar no diálogo teológico as diferenças na compreensão de fé e na ordem da Igreja.

Ao mesmo tempo, as igrejas se descobriram como comunhões que têm uma incumbência comum de Deus num mundo dilacerado e sofrido. Desde seus inícios nas primeiras décadas deste século, o moderno movimento ecumênico foi tanto um movimento pela superação das diferenças doutrinárias causadoras de divisão quanto um movimento em prol do testemunho e ação conjuntos dos cristãos em toda parte neste mundo em que as pessoas não têm liberdade, não têm pão, não têm direitos, não têm futuro. Muita coisa aconteceu no movimento de redescoberta da fé comum e da incumbência comum neste mundo. Muito mais ainda poderia e deveria acontecer. Entretanto, o êxodo do cativo de uma história secular de cisões nada cristãs já aconteceu. O futuro pode tomar isso como base.

b) Na Europa, p. ex., no marco dessa redescoberta foram superados o conflito familiar existente desde a Reforma e a separação entre as igrejas luteranas, reformadas e unidas. Com a chamada Concórdia de Leuenberg, de 1973, essas igrejas constataram sua concordância no evangelho, nos sacramentos, na cristologia e na doutrina da predestinação e declararam mutuamente plena comunhão eclesial (comunhão de púlpito e altar). Entrementes, mais de 80 igrejas reformatórias da Europa e quatro da Argentina expressaram sua anuência à Concórdia de Leuenberg. No próximo ano a Igreja Evangélica Luterana da América, juntamente com três igrejas reformadas dos Estados Unidos, vai votar uma proposta semelhante de comunhão plena.

c) Nas décadas passadas as outras igrejas passaram a conhecer as igrejas ortodoxas, a respeito das quais em muitos países não se tinha qualquer noção vívida. Estamos experimentando um enriquecimento da vida espiritual e do pensamento teológico através dos encontros e do diálogo com a tradição ortodoxa.

d) Por meio da comunhão ecumênica crescente, as igrejas mais tradicionais também adquiriram uma nova atitude para com as chamadas igrejas livres (particularmente a metodista, a batista, a Comunidade dos Irmãos/Moravianos e até as igrejas pentecostais clássicas). A participação ativa dos leigos, o zelo missionário e a piedade viva dessas igrejas livres são muitas vezes encarados como um desafio positivo para as igrejas antigas e um pouco cansadas.

e) Em diversas partes do mundo estamos presenciando uma aproximação surpreendentemente rápida entre igrejas luteranas e anglicanas. Assim, para mencionar apenas um exemplo, nos últimos quatro anos todas as quatro igrejas anglicanas da Grã-Bretanha e da Irlanda e seis das oito igrejas luteranas do norte da

Europa (incluindo o Báltico) deram seu assentimento à chamada Declaração de Porvoo, de 1992; com isto, agora a maioria dos cristãos da Europa setentrional entra de fato em comunhão plena. Dela faz parte a comunhão de púlpito e altar, mas também o intercâmbio de pastores/as e o testemunho comum na Europa de hoje, bem como muitas outras formas de cooperação e intercâmbio. Também a Igreja Evangélica Luterana da América vai votar em 1997 uma proposta de comunhão plena com a Igreja Episcopal (Anglicana) dos Estados Unidos.

f) Em muitos países, as igrejas cristãs se uniram num conselho nacional de igrejas (mas também desde o nível continental até o local), que em grau crescente inclui também a Igreja Católica Romana (é o caso do Brasil, p. ex.). Por meio dessa forma organizacional elas evidenciam algo mais profundo: sua vontade de caminhar e agir em conjunto. Além disso, nesses conselhos os cristãos têm um instrumento que lhes possibilita expressar-se em conjunto sobre os problemas de seu país e, assim, tornar-se, em conjunto, um parceiro na luta por um futuro com mais dignidade humana.

g) Por fim, nas três últimas décadas presenciamos — e este por certo é o desdobramento ecumenicamente mais importante — uma inaudita mudança nas relações com a Igreja Católica Romana. Desde o Concílio Vaticano II e em novas declarações feitas desde então, a maioria da cristandade na forma desta Igreja mundial se comprometeu a cooperar no movimento ecumênico. Experimentamos isso a nível mundial nos diálogos teológicos e, em muitos lugares deste mundo, na comunhão espiritual, na cooperação prática e na solidariedade. A importante encíclica de João Paulo II, intitulada *Ut Unum Sint*, de maio de 1995, é apenas o último exemplo dessa nova constelação histórica.

Este e outros desdobramentos são sinais das relações profundamente modificadas existentes hoje entre as igrejas em comparação com séculos de cisão e acirrados conflitos. Há 40 anos eu tinha a esperança de que algo assim acontecesse, mas em última análise não esperava que todas essas mudanças ainda ocorressem durante meu tempo de vida. Esta, contudo, é apenas uma parte do quadro geral. Além das mudanças e desdobramentos mencionados com vistas às relações entre as igrejas, registram-se também efeitos do movimento ecumênico que são de natureza mais intelectual, espiritual e teológica:

a) Por meio do diálogo teológico ecumênico, o pensamento teológico nas igrejas foi enriquecido, renovado e ampliado. Através de importantes resultados ecumênicos como o documento *Batismo, Eucaristia e Ministério* (BEM, de 1982), horizontes teológicos limitados foram abertos para a riqueza do pensamento cristão. Isto se aplica não só ao intercâmbio entre as diversas confissões cristãs. Também percepções teológicas das igrejas da África ou da América Latina foram levadas em consideração em outras partes do mundo. Neste sentido surgem formas

de dar e receber dentro da comunhão ecumênica que tornam experimentável para todos a confissão da fé apostólica única de formas diversas.

b) Esse intercâmbio se dá em grau crescente também na esfera do culto e da vida espiritual. Nos cultos de nossa comunidade luterana alemã de Genebra cantamos agora, entre as preces de intercessão, um *Kyrie* brasileiro. De fato a vida cúlrica e espiritual em muitas igrejas é animada e renovada por tais impulsos de uma “espiritualidade ecumênica”.

c) Nestas décadas a universalidade de “toda a cristandade na terra” (M. Lutero) se tornou experimentável pela primeira vez. Isto tornou-se possível através de formas de solidariedade e apoio cristãos em nível mundial para cristãos da América Latina, África do Sul, Europa oriental, ou de onde quer que seja, que eram oprimidos, marginalizados ou vítimas de fome e desesperança. Também nas federações confessionais mundiais experimentamos de modo especial a comunhão internacional dos cristãos. O fato de a Federação Luterana Mundial, p. ex., ser não apenas uma organização útil, mas também expressão e instrumento de uma comunhão internacional na fé, confissão, testemunho e serviço comuns, isto é algo que se tornou cada vez mais claro nos últimos anos.

d) O alvo do movimento ecumênico, a unidade visível dos cristãos, foi aclarado passo a passo. Atualmente designamos esse alvo como uma comunhão, uma *koinonia* das igrejas. Esta tem seu fundamento e encontra sua expressão no único Batismo, na confissão comum da fé apostólica, na celebração comum da Santa Ceia, num ministério ordenado mutuamente reconhecido, em diversas formas de partilha espiritual e material, no testemunho e serviço comuns, em formas de deliberação e posicionamento comuns em relação a questões da fé e da vida pública. Tal unidade precisa estar aberta para uma diversidade de formas e tradições, inclusive tradições confessionais herdadas. Não se trata de abrir mão da própria tradição luterana, p. ex., mas de abri-la para as percepções e dons das outras. A esta forma de unidade também correspondem os já mencionados passos dados por igrejas rumo à comunhão eclesiástica plena. O alvo da unidade estará alcançado, segundo uma declaração da assembléia geral do Conselho Mundial de Igrejas realizada em Canberra, em 1991, “quando todas as igrejas puderem reconhecer nas outras a Igreja una, santa, católica e apostólica em sua plenitude” (*Bericht aus Canberra*, p. 174). Não vamos presenciar o cumprimento desse objetivo em nosso período histórico. Mas também nossas realizações provisórias e parciais — que acontecem aqui e ali — de comunhão cristã necessitam de tal visão para receber orientação e estímulos para continuar na caminhada.

3. Tarefas e Oportunidades para o Futuro

A riqueza daquilo que foi mudado e reconstruído pelo movimento ecumênico constitui o fundamento para a caminhada rumo ao futuro. As oportunidades para essa caminhada consistem em não precisarmos começar da estaca zero, podermos continuar desenvolvendo o que já foi alcançado e os membros de nossas igrejas aceitarem a comunhão ecumênica. As tarefas consistem em conservar, aprofundar e ampliar o que se alcançou e em lutar pela superação dos obstáculos ainda existentes e pela realização das esperanças ainda não cumpridas.

a) *Conservação.* Conservar o que foi alcançado ecumenicamente ao longo de décadas em termos de mudança de consciência entre os cristãos e de novas relações entre as igrejas e confissões é absolutamente necessário em vista de uma falta de memória sobretudo perigosa. Muitos são de opinião que tudo está começando da estaca zero e só agora, e que por isso seria preciso ser criativo, criar algo novo. Ao fazerem isto, nem percebem que o “novo” já foi dito e feito anteriormente. Importa, antes, cultivar, conservar e atualizar aquilo que nos foi apresentado em termos de novas relações e experiências ecumênicas. Cada nova geração precisa reapropriar-se do movimento ecumênico e, ao fazê-lo, estudar e vivenciar mais uma vez muitas coisas que os mais velhos já têm atrás de si. Quando examinei pela primeira vez com meus alunos nos Estados Unidos o documento sobre *Batismo, Eucaristia e Ministério*, muitos disseram: “Este documento contém coisas excelentes. Afinal, quando é que ele foi escrito?” “Há 12 anos”, disse eu, “mas ele permanece atual e para nós é tão importante como se tivesse sido escrito há um ano.” Conservar ativamente dessa maneira aquilo que foi alcançado também é necessário em vista de determinadas tendências a retirar-se mais uma vez para detrás das próprias fronteiras confessionais ou a voltar a destruir os consensos alcançados por meio de movimentos nacionalistas, etnocêntricos ou fundamentalistas. O que recebemos é um tesouro precioso.

b) *Aprofundamento.* O que foi alcançado precisa ser aprofundado, precisa ser aceito por nós de um modo muito mais sólido. As listas contendo as novas relações eclesiais, convicções teológicas comuns, novas formas de espiritualidade, solidariedade e aspectos comuns em termos ecumênicos deixam claro que todos esses resultados necessitam de uma aceitação, realização e integração no pensamento e na vida de nossas igrejas que sejam muito mais completas do que ocorre muitas vezes. Com frequência, nas instâncias decisórias de nossas igrejas se discutem determinadas questões como se essa Igreja fosse a única existente neste vasto mundo de Deus e nenhuma outra Igreja também se ocupasse com as mesmas questões. Por isso há necessidade de uma conscientização ecumênica mais acentuada tanto nas instâncias decisórias quanto nas comunidades. Comunidades de igrejas diferentes numa mesma localidade já não podem simplesmente viver

lado a lado de maneira isolada. Perspectivas ecumênicas deveriam ser integradas na totalidade da formação teológica e não ser tratadas apenas como uma disciplina à parte. Estes são apenas três exemplos de “aprofundamento”.

c) *Ampliação*. O que foi alcançado ecumenicamente precisa ser ampliado para dentro dos “territórios inexplorados” que ainda não foram tocados pelo movimento ecumênico de modo mais profundo. Um exemplo importante de um “território” assim é o leste da Europa. Devido à situação política, as igrejas de lá estiveram excluídas de muitos desdobramentos ecumênicos nas últimas décadas. Por isso elas precisam recuperar as novas relações, percepções e experiências ecumênicas. Mas isso só será possível — e isto se aplica a todas as igrejas em toda parte — se se puder mostrar que os diálogos e esforços ecumênicos não são um ponto adicional na pauta já repleta das igrejas. O ecumenismo deveria ser uma dimensão de todo pensamento e toda ação eclesial.

Tais “territórios inexplorados” existem por toda parte em nossas igrejas. Eles existem sobretudo também com vistas a nossas relações (ou melhor: não-relações) com as igrejas e movimentos evangélicos, carismáticos e pentecostais. Aqui, porém, excludo os grupos cristãos fundamentalistas que crescem sobretudo através do proselitismo e têm uma atitude basicamente antiecumênica e sectária. Mas com vistas aos outros grupos e movimentos vejo nisso uma das tarefas ecumênicas decisivas para o futuro. Já agora está claro que a maioria dos cristãos não-católicos no hemisfério sul pertencerá a essas igrejas e movimentos no milênio vindouro. Mas também está claro, e eu próprio fiz essa experiência muitas vezes, que no espectro evangélico e pentecostal há cada vez mais teólogos e grupos que não só buscam uma formação bíblica e teológica sólida, mas também estão abertos para relações com a comunhão cristã mais abrangente. A Igreja Católica Romana já está realizando diálogos em nível mundial tanto com representantes de movimentos evangélicos quanto com representantes de igrejas e grupos pentecostais/carismáticos. Tais relações deveriam ser estabelecidas e intensificadas em toda parte. O caminho futuro da cristandade dependerá bem decisivamente de as igrejas históricas, “clássicas” conseguirem, em conjunto com os grupos e igrejas carismáticos/pentecostais, pregar o evangelho com palavras e com auxílio prático a uma humanidade insegura e sofrida.

d) *Tarefas teológicas*. O movimento ecumênico sempre entendeu como sua tarefa principal a manifestação da unidade visível das igrejas na fé, no testemunho e no serviço. Isto significa também que as igrejas deveriam passar a ter condições de tornar-se instrumentos mais fidedignos da vontade reconciliadora e salvadora de Deus para toda a humanidade e criação. Uma cristandade irreconciliada não pode ser um instrumento eficaz da atuação de Deus num mundo dividido. A ex-Iugoslávia é apenas um exemplo de como os demônios de um passado irreconciliado e não-resolvido tornam a emergir no presente. Por isso uma tarefa ecumênica essencial para o futuro continua sendo a de superar, no diálogo teológico e através

de decisões das igrejas, as diferenças existentes na fé e na ordem eclesiástica que ainda dividem as igrejas. Só assim elas poderão cumprir a incumbência divina de serem instrumentos eficazes da reconciliação neste mundo.

e) *Doutrina da justificação*. Temos agora um bom exemplo de tal processo de diálogo teológico e de recepção de seus resultados no pensamento, na vida, na ação e nas decisões das igrejas. Há vários anos tem sido travado um diálogo intensivo entre luteranos e católicos romanos sobre a mensagem e doutrina da justificação somente pela fé e somente pela graça. Afinal, era justamente este artigo de fé que estava no centro do conflito ocorrido na Reforma e da divisão secular das igrejas. Esse conflito e essa divisão ainda foram de certa forma cimentados por meio de condenações mútuas das posições luterana e católica romana na época da Reforma. Ora, o diálogo luterano-católico sobre a justificação conduziu, com base em novas percepções bíblicas, históricas e teológicas, a um consenso fundamental. Como consequência concreta disso, brevemente será apresentada para votação às igrejas-membros da Federação Luterana Mundial e à Igreja Católica Romana uma declaração conjunta com a qual elas confirmam o consenso a que se chegou na doutrina da justificação e, ao mesmo tempo, declaram que as condenações mútuas da época da Reforma não dizem mais respeito à posição da Igreja Luterana e da Igreja Católica nos dias de hoje. Se esse projeto lograr êxito nos próximos anos — e isto é bastante certo —, então se terá alcançado uma reconciliação justamente no ponto em que a comunhão se rompeu no passado. Com isso se teria colocado uma base sólida para dar passos adicionais na caminhada rumo à comunhão plena com a Igreja Católica. Se estivermos conscientes de que somos herdeiros de uma história que nos precedeu, mas que continua atuante no presente e freqüentemente bloqueia o caminho para o futuro, então não se poderá encarar esse projeto luterano-católico, do qual também participa a Igreja de vocês, a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, como uma ocupação com a história passada que estivesse voltada para trás.

f) *Igreja como koinonia*. Outro tema que precisa ser mais aclarado no diálogo ecumênico é a compreensão comum da essência, da missão e da unidade da Igreja. Quanto a este ponto se percebeu, nos últimos anos, que a concepção de *koinonia*, de comunhão, de participação, de partilha, é muito útil para o diálogo ecumênico, porque pode manter unidas a *koinonia* fundamental da comunhão cristã com Deus e, com base nela, a comunhão/*koinonia* mútua dos membros da Igreja. A comunhão de cada comunidade em nível local inclui uma participação/*koinonia* de todos na vida comum em que não deve haver qualquer espécie de discriminação. Cada comunidade está ligada às outras comunidades através da comunhão na pregação do evangelho por meio da palavra e dos sacramentos numa comunhão/*koinonia* mais abrangente. Essa comunhão “católica” da Igreja, em toda a sua diversidade, se estende, através de seu serviço e testemunho, a todas as pessoas como sinal da comunhão vindoura de Deus com todos os seres humanos.

O diálogo ecumênico sobre a compreensão de Igreja como *koinonia* terá, assim, uma base melhor do que teve até agora para chegar mais perto de uma solução das questões ainda controvertidas e difíceis. Destas fazem parte questões como: autoridade na Igreja, mulheres nos serviços e ministérios da Igreja, o ministério episcopal histórico em sucessão apostólica, a relação entre Igreja e sociedade, a questão do papado (para cujo exame conjunto o próprio papa conclamou agora em *Ut Unum Sint*). Assim, estamos a caminho de uma compreensão comum da Igreja de Jesus Cristo num mundo que anseia por reconciliação, justiça e comunhão.

g) *Igrejas e futuro da humanidade*. Associada ao tema da compreensão de Igreja temos a tarefa ecumênica comum de contribuir, de modo mais inequívoco e eficaz do que até agora, para as reflexões sobre o futuro da humanidade. Com o colapso do socialismo real na Europa oriental e a crise de valores e de sentido nas sociedades ocidentais surgiu um extenso vácuo ideológico e intelectual. A isto se acrescem uma crescente distância de muitas pessoas, e justamente das massas pobres, para com os partidos e a política de modo geral, uma falta de objetivos reais e inspiradores em nossas sociedades, o fim da ilusão da factibilidade de todas as coisas por meio do progresso científico-tecnológico e, por fim, a preocupação com a sobrevivência da humanidade em vista da exploração ecológica e do depauperamento crescente dos pobres. Será que as igrejas cristãs podem mobilizar e reunir em nível mundial forças intelectuais e espirituais que contribuam para que surjam nas sociedades novo sentido, novos valores e novas orientações que são necessários para que a solidariedade, a renúncia, a partilha e a esperança voltem a crescer entre as pessoas? Seria uma tarefa importante para o futuro do movimento ecumênico que as igrejas-membros do Conselho Mundial de Igrejas, junto com a Igreja Católica Romana e igrejas e movimentos evangélicos e carismáticos/pentecostais, pudessem desenvolver tais valores fundamentais e objetivos comuns. Com isso os cristãos e suas igrejas estariam em condições de agir como uma força encorajadora, transformadora e reconciliadora de importância histórica mundial em meio às aflições, conflitos e preocupações deste mundo.

4. Perspectiva sobre o Ano 2000

Além das tarefas ecumênicas para os próximos anos que mencionei e que são, ao mesmo tempo, oportunidades, vejo o ano 2000 como um momento em que algumas de nossas esperanças ecumênicas vão se cumprir. Dois exemplos disso seriam o já mencionado projeto luterano-católico sobre a justificação ou a firme intenção das igrejas anglicana e luterana do Canadá de entrar em plena comunhão mútua no ano 2000, como já ocorre na Europa (Declaração de Porvoo — v. acima) e, assim espero, acontecerá no próximo ano nos EUA.

Outro exemplo de como se pode ver o ano 2000 como meta de um processo

contínuo seria a proposta de realização de um ato sumamente visível e simbólico por parte de destacados representantes das igrejas nesse ano e talvez num local como Jerusalém. Esse encontro visaria servir à confirmação pública da comunhão já alcançada na fé, sendo que os participantes confessariam sua fé com as palavras do Credo Niceno comum. Tal ato público diria diante dos olhos e ouvidos do mundo todo: vejam, nós cristãos estamos unidos nos mais profundos fundamentos de nossa fé!

Outra esperança que tenho para o ano 2000 seria a concessão oficial de hospitalidade eucarística ocasional entre a Igreja Católica Romana e outras igrejas com as quais existe uma ampla concordância na compreensão e prática da Santa Ceia. Eu entendo a lógica da concepção católica e ortodoxa de que a comunhão junto à mesa do Senhor só pode ser celebrada no fim da caminhada ecumênica, quando houver plena concordância na fé e na ordem da Igreja. Entretanto, não nos encontramos apenas no início dessa caminhada. Já alcançamos formas de comunhão com a Igreja Católica que também são reconhecidas pelo papa quando ele às vezes fala de uma comunhão real, mesmo que ainda imperfeita. Uma hospitalidade eucarística ocasional, p. ex. no caso de matrimônios mistos, grupos e conferências ecumênicos, seria para muitos uma expressão sumamente oportuna e significativa e um fortalecimento espiritual para a comunhão já existente, além de ser, ao mesmo tempo, um encorajamento para continuar buscando a comunhão plena.

Espero, por fim, que o começo de um novo milênio assinale o princípio de novas relações entre as grandes religiões deste mundo. A despeito da existência de muitos diálogos inter-religiosos, somos testemunhas de crescentes tensões e ameaças inter-religiosas, que estão estreitamente entretecidas com desdobramentos sociais, étnicos e políticos. Esforços substanciais no interesse da paz e do bem-estar de todas as pessoas serão necessários antes e depois dessa virada de milênio. Devem-se criar fundamentos sólidos para uma compreensão inter-religiosa e o respeito mútuo como contribuição para limitar o perigo de conflitos ou até de guerras entre culturas. Um passo e impulso importantes nessa direção poderia ser um encontro de líderes das religiões universais no ano 2000. Numa declaração solene, eles deveriam comprometer a si mesmos e os adeptos de suas religiões com o caminho do diálogo, do entendimento e da cooperação.

Tenho certeza de que o bondoso Deus vai nos acompanhar ao entrarmos no novo milênio, que ele nos liberta do fardo de nosso fracasso e, assim, nos capacita a continuar confiantemente na caminhada da fé, do testemunho e do serviço em comunhão ecumênica.

Günther Gassmann
33, Ave. Adrien Lachenal
CH-1290 Versoix
Suíça

(Tradução: Luís M. Sander)